

CIÊNCIA

Animais embalsamados, conchas e fósseis fazem parte de uma colecção científica criada durante a primeira metade do século XX, na Escola-Oficina N.º 1, em Lisboa. Alguns dos exemplares eram recolhidos pelos alunos, outros eram adquiridos no estrangeiro

A colecção científica de uma antiga escola anarquista

André Abreu Nóbrega

No Largo da Graça, em Lisboa, um edifício amarelo-pastel de aspecto sóbrio passa despercebido aos transeuntes menos atentos. De frente para o coreto no meio daquela praça, o n.º 58 tem inscrito em letras garrafais “Escola-Oficina N.º 1” por cima do portão verde-escuro. No topo da fachada, em letras mais pequenas, lê-se “Sociedade Promotora de Escolas”.

Lá dentro funcionou, durante as primeiras décadas do século XX, um estabelecimento de ensino alternativo. A Escola-Oficina N.º 1 foi criada em 1905 pela Sociedade Promotora de Asilos, Creches e Escolas, mais tarde chamada Sociedade Promotora de Escolas (1913). O projecto resultou da cooperação entre republicanos e anarco-sindicalistas ligados à maçonaria portuguesa e destinava-se a prestar educação gratuita aos filhos dos proletários do Bairro da Graça.

As portas da escola foram encerradas em 1987. Desde então, o interior foi-se deteriorando. O chão estava em decomposição, o tecto a ganhar humidade e, quando chovia, escorria água pelas paredes. Em 2013, iniciaram-se obras de remo-

delação do piso superior e o edifício passaria a albergar a Biblioteca do Grémio Lusitano e o Instituto de Estudos Maçónicos. Em breve, será também a nova sede do Museu da Maçonaria Portuguesa.

Durante os trabalhos de requalificação, a Sociedade Promotora de Escolas (SPE) decidiu estudar algumas conchas marinhas que estavam guardadas num antigo gabinete do piso inferior. O espaço onde se encontravam estava praticamente intransitável, ocupado por móveis cobertos com lençóis brancos e caixotes contendo pilhas de papel.

O biólogo João Monteiro, que tinha trabalhado no Instituto Português de Malacologia, foi chamado à escola para estudar e identificar as conchas. “Quando lá cheguei, percebi que não podia ajudar muito nessa parte, visto que se tratava de fósseis e isso já ultrapassava o meu conhecimento”, lamenta. No entanto, ao tirar o lençol que estava a cobrir as conchas e outros objectos didácticos “misturados e cheios de pó”, o biólogo apercebeu-se de que havia também animais embalsamados arrumados nos móveis.

João Monteiro estava no primeiro ano do doutoramento em História e Filosofia da Ciência na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Para a unidade curricular de Património Científico e Tecnológico, tinha-lhe sido pedido

que estudasse uma colecção científica. “Quis ver o que havia além dos animais encontrados, porque, se calhar, tinha material para fazer o estudo para essa cadeira.”

Volto à escola noutro dia para destapar e desviar os móveis e trazer todos os objectos para fora da sala. Ao todo, foram contados 14 animais embalsamados; sete mamíferos, seis aves e um peixe. Os esqueletos eram sete: três de peixe, dois de aves, um de réptil e um de mamífero. Foram catalogadas também 40 conchas e 87 frascos com animais conservados em líquido, desde insectos a moluscos, passando por crustáceos e anfíbios.

António Lopes, na altura membro da direcção da SPE, lembra que havia dois destinos possíveis para a colecção. Não havendo “meios para a sua conservação nem conhecimento especializado para o fazer, ou a perdíamos ou a entregávamos a uma instituição capaz de a conservar”. Assim, a colecção acabou por ser cedida ao Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa (MUHNAC) em Fevereiro de 2014.

Num dos corredores do MUHNAC está a expo-



sição *Specere*. Inaugurada em 2018, dá a conhecer colecções de espécimes guardadas nas reservas do museu que testemunham a diversidade natural dos países lusófonos. O espaço expositivo é composto por vitrinas altas e pesadas dispostas à esquerda e à direita. Por detrás dos vidros, sobressaindo num fundo azul, distinguem-se animais embalsamados, crânios, maxilas e esqueletos inteiros.

“Aqui vemos dois exemplares da Escola-Oficina N.º 1, que sofreram uma intervenção de conservação e restauro para poderem integrar esta exposição”, explica Catarina Teixeira, do Laboratório de Conservação de Colecções Científicas do museu, apontando para os esqueletos de uma ave de rapina e de uma raia. O trabalho de consolidação das peças expostas começou em 2017. Além de Catarina Teixeira, estiveram envolvidos Laura Moura, do mesmo laboratório, e Pedro Andrade, taxidermista do museu.

A intervenção estendeu-se

FOTOS DA COLECÇÃO: ANTÓNIO LOPES

por três meses e consistiu na limpeza dos exemplares e correcção de pequenas falhas nas penas, na pele e na madeira que serve de suporte aos animais. Antes de serem limpas, as peças estiveram cerca de um mês fechadas numa bolha de anoxia, um processo de desinfecção sem compostos químicos. Os exemplares foram arrumados em estantes e cobertos com um enorme saco de plástico. Foi depois retirado todo o oxigénio e inserido azoto, eliminando os insectos. Este processo será repetido com os restantes exemplares.

A selecção das peças e algumas intervenções prévias de conservação e higienização foram realizadas logo após o contacto feito por João Monteiro, até ao momento em que a colecção deu entrada no museu. Marta Lourenço, vice-presidente do museu, coordenou os trabalhos e foi a interlocutora do MUHNAC junto da SPE.

Trata-se de um procedimento semelhante a outros casos de escolas e instituições com um património científico relevante que inclui espécimes, livros, cadernos e outros instrumentos de ensino, tais como o Colégio Militar, a Escola Secundária de Pedro Nunes (em Lisboa) e a Escola Secundária de Oeiras. O MUHNAC presta este serviço no âmbito do PRISC (*Portuguese Research Infrastructure of Scientific Collections*), um programa que tem como objectivo auxiliar na conservação e exposição de colecções científicas, contribuindo para a difusão da cultura científica.

Marta Lourenço sublinha que a abordagem do museu “é tentar fazer com que o património seja preservado *in situ*, nos locais onde foi gerado”. Por vezes isso não é possível, e uma parte das colecções é depositada no MUHNAC, como aconteceu no caso da Escola-Oficina N.º 1. “A colecção foi seleccionada para

incorporação no museu porque é relativamente consistente do ponto de vista da história da educação, foi constituída num período importante e foi utilizada ao longo de várias décadas”, sublinha a vice-presidente do MUHNAC.

Ensino das ciências

A maior parte dos objectos que permaneceram na Escola-Oficina N.º 1 encontra-se ainda exposta numa antiga sala de leitura da escola, logo a seguir ao átrio. Vão desde a botânica à física e à astronomia. “Estava lá em baixo tudo misturado”, indica João Monteiro, referindo-se à sala onde se encontravam os exemplares



Se no futuro se encontrarem esses registos [nome dos colectores, data e local da recolha], a colecção adquirirá valor científico [para lá do histórico]

João Monteiro
Biólogo

que fizeram parte do seu estudo. “Isto também foi encontrado cá e exemplifica como se estudavam as ciências. Em vez de se usar um manual, o que se queria com o modelo de ensino libertário era que fosse o mais prático e observacional possível”, assinala João Monteiro, referindo-se a um modelo anatómico do corpo humano ali presente.

As aulas de ciências foram introduzidas na Escola-Oficina N.º 1 a partir de 1907 – ano em que o currículo foi actualizado e a escola passou a adoptar práticas de ensino inovadoras centradas na liberdade da criança e na sua relação com a natureza, em linha com a concepção pedagógica da Educação Nova e com os planos educativos de índole socialista. As turmas eram mistas, os castigos corporais estavam proibidos e não havia estrados para os professores, estando o quadro ao nível dos estudantes.

Leccionadas na disciplina de Noções Práticas Rudimentares de Aritmética, Física, Química, Botânica, Zoologia e Higiene, as matérias de ciência eram transversais a todos os anos de escolaridade, independentemente do curso seguido pelos alunos. As crianças eram admitidas a partir dos sete anos e obtinham, mais tarde, certificados de entrada no liceu. Podiam ainda permanecer até aos 17 anos, completando um curso profissional, como carpinteiro ou modelador-estucador, por exemplo.

“Aos poucos, começámos a ter a Escola-Oficina N.º 1 a funcionar”, explica António Lopes, historiador que fazia parte da direcção da SPE quando João Monteiro estudou a colecção. “A ideia era ter uma escola de artes e ofícios. Dentro da filosofia desse tipo de



escolas, incluía-se a parte prática e multidisciplinar. Isso fez com que aqui houvesse animais empalhados, aulas de encadernação e outras valências.”

O historiador António Candeias, por sua vez, é o autor do mais vasto trabalho sobre a instituição, uma tese de doutoramento defendida em 1992 na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto intitulada *Educar de Outra Forma: A Escola-Oficina N.º 1 de Lisboa, 1905-1930*. “As características que achamos mais marcantes deste currículo são constituídas pela junção dos aspectos profissionais propriamente ditos com uma formação geral humanística, científica e artística”, escreve António Candeias. Já António Lopes assinala o entendimento que os pedagogos da Escola-Oficina N.º 1 tinham da educação: “Considerava-se que as pessoas com uma cultura geral abrangente seriam mais tolerantes em termos cívicos e até em termos políticos.”

Era no laboratório que as aulas de

ciência normalmente decorriam. Através de imagens da época, João Monteiro sabe que “havia uma bancada central e móveis onde estavam os animais preservados em líquido e os animais taxidermizados”. Os alunos aprendiam a dissecar e a embalsamar os animais, analisavam plantações do jardim da escola e faziam saídas de campo para observar a natureza. As excursões eram uma oportunidade para adquirir espécimes para a colecção.

Valor histórico

Alguns objectos eram ainda doados pelos próprios professores ou por pessoas próximas da escola. Outros eram obtidos no estrangeiro. “O que se pode inferir é que as peças mais comuns, como fósseis, minerais e as coisas que podem ser facilmente colectáveis, foram conseguidas por professores e alunos durante as saídas de campo. Coisas mais complexas foram doadas ou adquiridas”, esclarece João Monteiro.

No seu tempo livre, João Monteiro continua a consultar fontes documentais da época à espera de encontrar novas direcções de investigação. O seu principal objectivo, para já, é perceber se existem mais peças. “Desconfio que sim. Agora, onde é que elas estão?” Já depois do estudo, foi encontrada uma cabeça de gazela empalhada, no sótão da escola. “Se essa nos escapou, pode haver mais.”

Apesar do valor histórico e patrimonial da colecção, o valor científico das peças mantém-se reduzido. Faltam dados essenciais como os nomes dos colectores, as datas de recolha e o local exacto em que os espécimes foram recolhidos. “Se no futuro se encontrarem esses registos, a colecção adquirirá valor científico. A verdade é que qualquer estudo que venha a ser feito e que traga mais informação permitirá enriquecer a colecção existente.” **Texto editado por Teresa Firmino**

Colecção científica da Escola-Oficina N.º 1, no Bairro da Graça, em Lisboa; em cima, a sua fachada

